

ARACAJU: UMA REVISÃO DOS ESTUDOS URBANOS

Vera Lúcia Alves França*

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX o fenômeno da urbanização se acentua em todo o mundo, variando de intensidade e de formas, em decorrência das peculiaridades locais e das diversas relações que se processam com outras áreas, assumindo novas dinâmicas a partir dos diversos estágios do desenvolvimento capitalista. Assim, as questões urbanas ganham relevância diante da comunidade, exigindo seu acompanhamento e, por conseguinte, seu estudo

Diante da intensidade e da complexidade do fenômeno, estudiosos dos diversos ramos das Ciências Sociais têm se debruçado sobre os temas urbanos, buscando explicar os processos a que estão sendo submetidas as cidades, as redes urbanas e, enfim, a sociedade que nelas vive.

Aracaju, certamente, é uma das capitais brasileiras mais pesquisada por geógrafos e outros cientistas sociais. Este artigo tem como objetivo resgatar os estudos desenvolvidos por pesquisadores que tratam da evolução dessa cidade que, dia a dia, alcança novo patamar na estrutura urbana brasileira. Além disso, outra propositura é oferecer aos leitores uma relação dos trabalhos já desenvolvidos, facilitando, assim uma revisão bibliográfica. Trata-se de uma contribuição para novos pesquisadores, estudantes e professores, que poderão utilizá-los em suas pesquisas e estudos.

REVENDO A CIDADE...

Aracaju, fundada em 17 de março de 1855, nasceu para ser capital de Sergipe, substituindo a então decadente São Cristóvão. De fato, o centro econômico de Sergipe, naquela época, se situava na Zona do Cotinguiba, onde proliferava intensa atividade canavieira. Centros importantes como Laranjeiras e Maruim, rivalizavam com a velha capital, São Cristóvão, fundada em 1590.

* Professora do Departamento de Geografia e do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia

Para RAFFESTIN (1993)

"o nascimento de uma capital não é um fato institucional, não exclusivamente, ou mesmo muito pouco, mas um fato sócio-político que é expressão de uma crise que, na maioria das vezes nasce ao mesmo tempo da subida de um poder e do desaparecimento de outro". (p. 191)

Ao longo dos seus 145 anos de vida, Aracaju tem sido alvo de estudos por parte de historiadores, geógrafos, arquitetos e outros pesquisadores interessados em compreenderem o papel deste centro urbano no conjunto da economia sergipana e de sua inserção no sistema urbano brasileiro. Assim, esses estudos estão voltados tanto para as características internas da cidade, sua evolução e estruturação urbana, como também para a compreensão das questões de organização regional. Esses estudos proliferaram sobretudo após os anos sessenta deste século, sendo destacados aqui aqueles considerados mais importantes do ponto de vista geográfico.

Quanto àqueles de caráter regional, DINIZ (1987), em seu estudo " O SUBSISTEMA URBANO REGIONAL DE ARACAJU", faz uma revisão daqueles anteriores que tratam da Região de Aracaju, destacando cinco (1) deles e extraíndo os seguintes pontos comuns:

- " a) a primazia extremamente elevada de Aracaju como capital regional;*
- b) a inexistência de hierarquia completa na rede urbana, faltando nitidamente o centro, ou centros, de segundo nível;*
- c) a fraqueza das relações entre as cidades, geradas pela pobreza da área, pela dominação de Aracaju e pelas facilidades crescentes de transporte."(op.cit,p.55)*

No estudo em pauta, o autor conclui que

" a concentração de atividades comerciais, de serviços, da administração pública e também da indústria, dá à

cidade considerável poder de controle de todo o sistema, essencialmente primaz, altamente concentrador , reforçado pela concentração espacial da renda” (op.cit., p, 319),

confirmando assim, a solidificação da situação apresentada nos estudos analisados.

Nota-se que, passados quinze anos da realização desse estudo, a situação de primazia tende a fortalecer-se e consolidar-se, fragilizando os centros interioranos, cada vez mais dependentes. Como capital, Aracaju concentra funções e informações, acentuando cada vez mais a sua dominação. Aliás, esse é um fato comum entre as cidades com funções administrativas, pois.

“o espaço e o tempo políticos da capital impõem uma estruturação, o que faz com que as questões essenciais sejam em geral resolvidas na capital”. (RAFFESTIN,op. cit:194)

Esta concentração de atividades tem sido responsável

“pelas divergências econômicas e disparidades regionais. Essas centralidades excessivas criam, por isso mesmo marginalidades profundas”. (op.cit., p. 194)

Mas, não é somente com relação ao papel regional que Aracaju tem sido estudada. Ainda na primeira metade do século, na década de quarenta, PORTO (1945) escreve sobre a cidade , no período compreendido entre 1855 e 1865, considerado pelo autor como o

“período da conquista”, caracterizado pelos movimentos iniciais de expansão, favorecidos e estimulados, como não podia deixar de ser, pela ação do governo provincial”. (p. 11)

Para o autor, a fundação da cidade em 17 de março de 1855,

“foi mesmo uma verdadeira subversão política, econômica e social: deslocou para o norte o centro de gravidade da política local; alterou o intercâmbio das mercadorias e fez

declinar núcleos até então florescentes; criou a primeira "cidade livre" de Sergipe". (op. cit. p. 16)

O estudo enfoca a situação econômica e política da época da mudança da capital, bem como o sítio em que a cidade foi assentada, ressaltando as condições favoráveis para a instalação da mesma. Trata ainda do plano da cidade, elaborado pelo engenheiro Sebastião Basílio Pirro, que

"à irregularidade do panorama da época, (ele) contrapôs a rigidez geométrica dos quarteirões retangulares de sua planta, cerceou toda a liberdade da cidade, prendendo-a nas malhas de um traçado em "xadrez"". (op. cit. p. 30)

O traçado retilíneo, além de pouco criativo, hoje traz sérios problemas para a vida da cidade, sobretudo àqueles ligados ao tráfego.

O autor traça ainda a evolução da cidade nos seus primeiros dez anos de vida, destacando as diferenciações sociais que vão se estabelecendo, em razão das exigências contidas na Resolução Provincial n. 458, que regulamentava construções e posturas urbanas. Dentro do quadrado de Pirro não era possível a construção de casas de palha, o que expulsou toda uma população pobre para fora dos seus limites, fazendo surgir um "labirinto de ruas e becos". (op. cit. p. 42) (Fig.1)

FORTES, em 1955, comemorando o centenário da cidade escreve "EVOLUÇÃO DA PAIZAGEM HUMANA DA CIDADE DO ARACAJU" dentro de uma visão possibilista, enfocando a conquista do meio ambiente pelo homem, avaliando o crescimento da cidade nos seus primeiros cem anos de vida.

Sobre as dificuldades para a conquista do meio natural, assim se pronuncia:

"A faina foi grande, foi imensa. E a persistência tão digna de elogios como a dos construtores dos muros de Tiro. E além do mais havia a febre. A insidiosa e mortal febre que expulsava e matava. A maleita que atacou o próprio Presidente, expulsando-o e matando-o meses depois de fundada a cidade. E havia o cólera-morbus, irrompido numa violência terrível logo no 2. ano de idade da capital. Matou muita gente, desorganizou a

administração, parou o jornal "Correio Sergipense". Ninguém queria residir na praia miasmática. Todos a apodavam. Apesar de tudo a nova capital venceu, explicando-se o fato pela necessidade imperiosa de se atender ao fator que a tudo comanda: o econômico". (p. 28)

FORTES faz severas críticas ao plano da cidade, sobretudo com relação ao traçado e ao tamanho das quadras, mostrando os inconvenientes das ruas retilíneas e o excesso de esquinas, que tantos transtornos causam ao tráfego e as descontinuidades, dificultando a comunicação entre partes da cidade. Descontinuidades que se fazem presentes até os dias de hoje.

O autor destaca o papel do porto para a vida da cidade e assim se pronuncia:

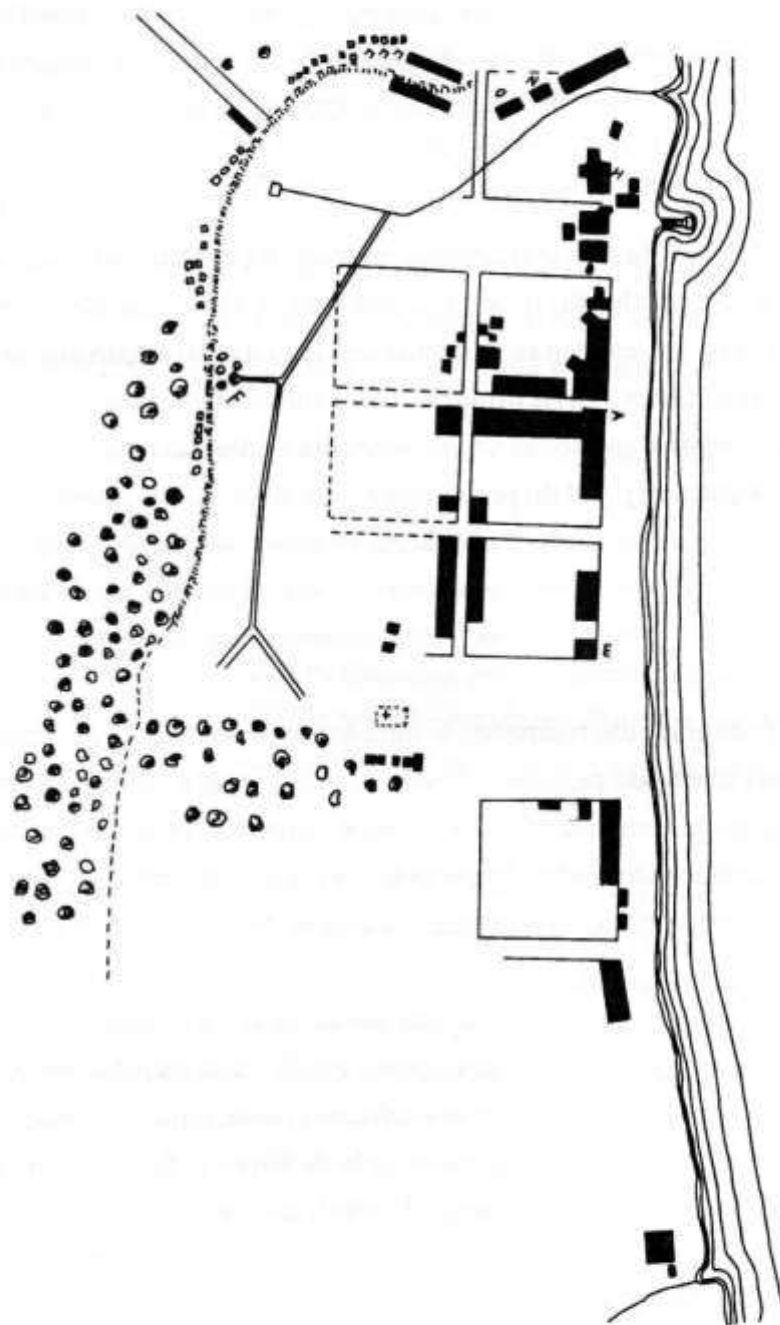
"Aracaju vivia em função do porto, das mercadorias enviadas e recebidas por ele, das notícias que chegavam no navio semanal". (op.cit. p. 34)

Trata ainda das condições de infra-estrutura da cidade, destacando a fragilidade da mesma diante do pequeno número de ruas calçadas, da baixa arborização e das dificuldades de comunicação das diversas partes da cidade em função dos pântanos e lagoas, destacando ainda a fragilidade dos transportes urbanos. A habitação também é enfocada neste estudo. As primeiras casas de Aracaju eram de palha, adobe e taipa pois,

"A exiguidade da terra disponível, premida pela falta de recursos e pela lagoa ou pântano, deu em resultado as estreitíssimas casas, baixas, de duas águas, com duas janelas, sala de jantar e de visita, cozinha e um W.C. longe do corpo da casa."

Fig. 1

ARACAJU EM FEVEREIRO DE 1857



FONTE: PORTO, Fernando. A Cidade de Aracaju, 1945.

E avalia o autor

“ as casas de Aracaju - 70% são assim - são o que existe de mais flagrante protesto contra o clima e o ambiente. A maior parte da população vive assada por falta de habitação condizente. Uma reação se observa, felizmente, mas esta reação não alcança a classe mais desfavorecida.”.. (op. cit. p. 38)

Outro estudo é realizado por DINIZ (1963), no início da década de sessenta. Em “Aracaju: Síntese de sua Geografia Urbana”, o autor faz minuciosa análise da cidade, destacando elementos do quadro natural, da evolução e de sua estruturação urbana.

Para analisar a evolução urbana o autor estabelece quatro períodos bem diferenciados:

1. Período de crescimento marginal - compreendido entre a fundação da cidade e o início do século XX. É o período de conquista e formação da cidade.

“Aracaju nesta fase como que cria forças para logo depois lançar-se para a frente; calçam-se as primeiras ruas a pedras irregulares. Esta fase caracteriza-se pela ocupação da maioria dos espaços vazios da parte central da cidade”. (. p 14).

2. Período inicial de formação de bairros - vai do início do século até 1930 . Período de implantação de infra-estrutura urbana. Em 1908 dá-se a implantação de rede de água encanada, em 1910 surgem os bondes de tração animal e a energia elétrica; em 1914 se implanta a rede de esgotos e posteriormente as ferrovias e rodovias. Surgem os primeiros bairros como o Industrial, o Santo Antônio e o arrabalde Presidente Barbosa.

“Os bairros possuíam uma semi-dependência do centro da cidade”. (op. cit. p 15)

3. Período de crescimento tentacular para o oeste - compreendido entre 1930 e 1950 nesta fase

“começam-se a esboçar movimentos para todas as direções, não se podendo precisar para qual delas mais se desenvolveria a cidade”. (op. cit. 16)

4. Período de dispersão recente - Fase caracterizada pela forte migração para a cidade e pelo crescimento das funções industriais, sobretudo da pequena indústria. A cidade continua crescendo e incorporando novas áreas, além de determinadas áreas mudarem de ocupação por classe social (Treze de Julho, por exemplo). Consolidam-se bairros como o 18 do Forte e Cidade Nova, mas é para oeste que a cidade avança mais fortemente.

DINIZ destaca as condições de pobreza em que se dá o crescimento da cidade, diante das condições econômicas locais e regionais, (op. cit. p 19)

O autor faz ainda um estudo da estrutura interna da cidade, definindo zonas com características próprias, além de distinguir as funções que mais se destacam na vida econômica sergipana. Naquela época (1963) Aracaju já ocupava

“uma incontestável posição de supremacia sobre o resto do Estado de Sergipe.... De fato Aracaju é praticamente, o único porto de Sergipe, seu giro comercial é cerca de 44% do movimento total do Estado, possui todas as sedes bancárias, todas as escolas superiores “. (op. cit. p. 42)

Nos anos setenta outro estudo enfoca as questões intra-urbanas de Aracaju. MENEZES (1983) faz um estudo sobre a organização do espaço periférico de Aracaju, usando para a explicação da estrutura interna da cidade a interposição dos modelos de Burgess e Hoyt (p. 31)

A autora define cinco zonas periféricas na cidade, tomando como características básicas o ritmo de crescimento e a renda estimada da população. As zonas definidas foram:

“a) zona periférica sul - que compreende toda a região do bairro Atalaia até a Av. Contorno antes do Jardim Esperança, caracterizando-se por ritmo acelerado de crescimento acelerado e renda predominantemente média e alta;

b) zona periférica sudoeste - abarca a área compreendida entre o limite leste do Jardim Esperança até o limite oeste do DIA, marcado por um ritmo de crescimento menos acelerado e uma renda média tendente a baixa;

c) zona periférica oeste - limitada pelo DIA e a BR-235 possuindo um ritmo de crescimento até pouco tempo

baixo, mas no momento se acentuando. Quanto a renda predomina a baixa;

d) zona periférica noroeste - vai da BR - 235 até o bairro Santos Dumont, caracterizando-se por um crescimento mais baixo que a zona oeste e com renda algumas vezes tendendo a média baixa;

e) zona periférica norte - ritmo de crescimento baixo e renda também predominantemente baixa". (op. cit p. 17)

Referindo-se ao período estudado, a autora assim se expressa:

"Aracaju, passa atualmente por uma estruturação interna diretamente proporcional às políticas de urbanização intensa, principalmente nos últimos quatro anos. Entre essas políticas, está a de incrementação do sistema viário, inclusive com pavimentação asfáltica para diversos pontos mais periféricos da cidade como o caso do anel viário em fase de execução. Este sistema abarácará toda a zona urbana mais compacta e, ao mesmo tempo, dinamizará a periferia com a interligação dos bairros e intensificará os fluxos de transportes." (op. cit. p. 18)

Destaca ainda o papel das políticas públicas no crescimento urbano de Aracaju, sobretudo das periferias, pois a construção dos conjuntos habitacionais e a abertura de grandes avenidas (Hermes Fontes, Contorno, Saneamento) são responsáveis pela proliferação de loteamentos e pela crescente especulação imobiliária.

Quanto a este último assunto, assim se pronuncia:

"Existe um gradiente de valores do solo urbano, que a partir do máximo no centro principal iria diminuindo até atingir um mínimo nos limites do perímetro da cidade. A especulação, no entanto tem constituído um papel de primeira grandeza na constituição da faixa periférica urbana. Ela imprime um caráter mais intenso na desorganização do crescimento periférico, atraindo loteamentos e esterilizando quase totalmente a vida agrária da área em questão, É responsável por muitos

vazios que distinguem a faixa periférica e que se constituem em terrenos à espera de maior valorização. A fraca densidade da ocupação daí resultante contribuirá para atrasar mais ainda a extensão das redes de equipamentos urbanos, para dificultar a conservação das vias públicas ,etc.” (op. cit. p. 30)

É interessante observar o destaque dado ao Distrito Industrial de Aracaju (DIA), instalado na década de setenta que, pela sua localização, contribuiu para o crescimento da cidade na direção sudoeste, com tendência de ocupação entre o DIA e o Jardim Esperança, por residências de padrão médio, com grandes lotes. É o atual loteamento Parque dos Coqueiros com residências de padrão classe média alta. Esse avanço da cidade vai se dá com a destruição do coqueiral que cobria grande parte do território municipal, avançando pelas dunas e mangues e comprometendo o meio ambiente (FRANÇA, 1988)

MENEZES trata ainda do Projeto Coroa do Meio, que se constitui,

“numa vasta área doada ao município pelo Patrimônio da União, na periferia sul no bairro de Atalaia, numa península localizada entre o Oceano Atlântico e os rios Poxim e Sergipe. O aproveitamento ampliará a oferta de terrenos, visando atender algumas faixas de poder aquisitivo e atuar como regulador dos preços de mercado, atenuando os efeitos negativos da especulação imobiliária existente em Aracaju.” (op. cit. p. 22)

Quando a autora desenvolveu o estudo em análise, a Coroa do Meio ainda estava em fase de projeto, daí a esperança da autora que a área atenuasse os problemas referentes a especulação imobiliária, o que, de fato, não ocorreu um projeto grandioso, polêmico, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Aracaju, visando à criação de um bairro de classes média e alta. Além de agredir fortemente o meio ambiente, pois se trata de uma área estuarina, bastante dinâmica e frágil, ainda causou graves problemas sociais, com a retirada de uma população de baixa renda que lá vivia. A área do projeto é a única área cidade a ter planejamento e legislação próprios que, ao longo desses 22 anos, vem sendo desobedecida no afã de consolidá-la. Mesmo depois

de tanto tempo, a Coroa do Meio ainda é uma área semi-ocupada e geradora de polêmica, pois os investimentos e os problemas decorrentes dos serviços mal planejados e executados ainda acarretam prejuízos e descontentamento à comunidade. Várias estratégias já foram utilizadas pelo Estado e pela Prefeitura, na direção de consolidar a ocupação da área, todas sem o sucesso preconizado.

Na década de oitenta, a arquiteta Kátia LOUREIRO (1983) faz um estudo em que resgata toda a trajetória urbana de Aracaju, desde 1855 até os primeiros anos da década. Para isso definiu quatro períodos na vida da cidade, buscando

“o entendimento de sua conformação a partir de fatores de ordem natural, social, política e econômica, aos quais esteve submetida ao longo de sua história.” (p. 49)

LOUREIRO contempla atenção especial para o quarto período, compreendido entre 1964 e 1982, quando a cidade entra em grande dinamismo, diante da exploração dos recursos minerais no subsolo sergipano (petróleo, calcário, gás natural) e da política habitacional desenvolvida pelo governo federal. Para a autora

“esta fase, é de fato, o marco da nova e revigorada onda de intervenção do Estado sobre a cidade “. (op. cit. p.71)

A cidade se amplia com a implantação de grandes conjuntos habitacionais, proliferam os loteamentos, a migração se intensifica. Abrem-se grandes avenidas, aumenta a oferta do volume de água, o comércio se dinamiza, surgem novos serviços. A valorização dos terrenos do centro se acentua e o Estado deslancha o processo de verticalização, construindo o edifício Estado de Sergipe:

“um edifício de 28 andares era mais que um precedente; era um indicativo de que o solo ali existente poderia ser intensivamente aproveitado. Era, enfim, uma possibilidade cristalizada no espaço físico central de Aracaju, de realização de maiores rendas fundiárias”. (op. cit. p. 75)

No final desse período, já se verifica que a cidade estende os seus tentáculos para os municípios vizinhos. O Estado incentiva a especulação imobiliária comprando grandes glebas em áreas distantes da malha urbana, inclusive já ultrapassando os limites municipais.

Através da COHAB, que se transforma em uma grande proprietária de terras em Aracaju e municípios limítrofes, o Estado deslança o processo de metropolização, ora em curso.

Ao concluir o seu estudo, LOUREIRO faz considerações a respeito de problemas intra-urbanos, além de definir propostas na tentativa de

“se evitarem aqui grande parte dos equívocos urbanos cometidos na maioria das metrópoles brasileiras”. (op. cit. p. 107)

RIBEIRO (1989), com seu estudo “TRANSFORMAÇÕES RECENTES NO ESPAÇO URBANO — O CASO DE ARACAJU”, também realizado no início da década de oitenta, faz uma análise da dinâmica urbana da cidade, a partir da segunda metade da década de sessenta até 1983, utilizando na metodologia informações dos registros da Prefeitura Municipal, fato inédito nos estudos realizados até então.

Exaustivo levantamento das construções licenciadas mostra a ampliação do tecido urbano no período compreendido entre 1964 e 1981, sendo dividido em três fases:

“1a) a primeira fase de 1964 a 1967, quando o país como um todo está passando por uma fase de reestruturação econômica, caracterizou-se por uma tendência geral decrescente do número de construções, recuperadas no último ano quando já faziam sentir as repercussões das medidas governamentais no plano habitacional. Em Sergipe, a Companhia de Habitação Popular (COHAB-SE) foi constituída em 1966 e nesse mesmo ano já iniciava a construção do Conjunto Castelo Branco I, com 380 unidades habitacionais. Mas, mesmo assim, o número de construções era baixo, não atingindo os índices do início da segunda fase;

2a) a segunda fase iniciou-se em 1968, quando se verificaram altos índices de crescimento. Nessa fase, o número de construções apresentou tendência média crescente. No entanto, convém salientar que esse crescimento foi bastante irregular, com flutuações anuais, verificando-se tendência anual crescente, logo

contrabalançada no ano seguinte por tendência ao decréscimo e assim sucessivamente, até o final do período. Portanto, esta segunda fase foi caracterizada por um ritmo anual oscilante, mas sempre crescente/ com exceção do ano de 1974, que marcou o seu final. estas flutuações do setor podem ser explicadas pelas constantes mudanças de orientação do Sistema Financeiro da Habitação, ora aumentando os financiamentos, ora limitando-os, além de reformas na estrutura dos organismos de política habitacional, o que requer um período de adaptação das COHAB"s.

Quando comparamos os dados com estas medidas, isto fica bem nítido. Podemos tomar como exemplo os baixos índices registrados no ano de 1974 que foram decorrentes, em parte, do processo de adaptação da COHAB-SE ao PLANHAP (Plano Nacional de Habitação Popular). Além disso, devemos lembrar que, no período de fins de 1973 a meados de 1974, o país atravessou uma crise de material de construção;

3a) a fase mais recente, que vai de 1975 a 1981, foi marcada, no seu início, pela recuperação lenta do setor que obteve crescimento cada vez maior, ascendendo a níveis sem precedentes, mesmo nos anos 79/80 quando foi registrada uma queda em relação ao biênio anterior. Essas baixas constatadas logo eram compensadas pela ascensão vertiginosa de 1981 quando a demanda atingiu seu ponto alto, de maneira que, nestes últimos sete anos, houve um incremento de 223,5%, ou seja, um acréscimo de 20588 unidades em relação aos sete anos anteriores. De tudo isto, depreende-se que nesta fase se deu o grande momento do setor e Aracaju "explodiu", espalhando-se em várias direções." (p. 55-56)

Para RIBEIRO os fatores que contribuíram para a expansão das construções e consequentemente da cidade foram:

“- os empreendimentos do Banco Nacional da Habitação no Estado através da COHAB-SE e da INOCOOP-BASE;

- a instalação da fábrica de cimento em 1967, que teria grande impacto sobre a indústria de construção civil. A instalação dessa fábrica em Aracaju reduziu significativamente os custos de produção de habitações, pois eliminou a dependência da importação, incentivando em geral o incremento de habitações no município;

- a descoberta e produção crescente de petróleo no Estado, com a conseqüente transferência para Aracaju da sede administrativa da Região de Produção do Nordeste da PETROBRÁS e o surgimento de serviços auxiliares, gerando demanda maior por habitações;

- a construção do Distrito Industrial de Aracaju também contribuiu para o crescimento deste setor com a instalação de indústrias, refletindo sobretudo na área licenciada,...;

- a transferência de áreas pertencentes ao Patrimônio da União para o município de Aracaju em 1976; com a regularização desses terrenos, houve uma expansão das construções em direção ao sul, onde se situava grande parte deles. “(op. cit. p. 56 e 59)

A autora considera que, até a década de sessenta, o crescimento da cidade se deu mais através da intensificação das áreas já ocupadas do que pela anexação de novas áreas. A partir do final da década de sessenta a implantação de grandes conjuntos habitacionais vai direcionar a cidade principalmente para o oeste, sudoeste e sul.

É nesse período que se inicia o processo de verticalização, especialmente *“no centro-sul, no sul e no sudoeste da cidade...(onde) a incorporação imobiliária esteve atuando prioritariamente “criando” zonas cada vez mais afastadas do Centro, para residências das pessoas de melhor poder aquisitivo de Aracaju, como nos revelou*

a distribuição espacial dos edifícios de mais de 10 pavimentos e mais pelo caráter elitizante dos mesmos”. (op. cit. p.79)

Esclarece ainda que,

“a superutilização do espaço nesta área não se deu em função da escassez de áreas edificáveis, muito pelo contrário, a sua ocupação efetiva por residências de classe média e alta data comumente de cinco anos, caracterizando-se pela concentração predial em áreas descontínuas, com a existência de grandes espaços vazios a serem ainda ocupados”. (op. cit. p.82-83)

Outra inovação do estudo de RIBEIRO é a análise da diversificação espacial segundo o valor da terra. Através de informações obtidas nas empresas imobiliárias, apresenta mapeamento do valor da terra na cidade, acompanhado de análise dos condicionantes do preço. Ao concluir o seu estudo, deixa clara a tendência à formação de um espaço metropolitano, quando afirma “a “escassez” do solo no município de Aracaju, devido à

“privatização das áreas desocupadas e, conseqüentemente à alta valorização dos preços dos terrenos que tornam cada vez mais difícil para as populações de baixa renda fixar (ou mesmo manter) sua residência neste município. Desta forma, é cada vez maior o número de habitantes de baixa renda que localizam suas moradias nos municípios periféricos a ponto de se processar atualmente visível tendência à formação de uma área metropolitana formada por Aracaju e por partes dos municípios de Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro, Santo Amaro e São Cristóvão”. (op. cit. p. 124)

Outro estudo sobre o crescimento urbano de Aracaju, ainda na década de oitenta, foi desenvolvido por MACHADO (1989) com

“o objetivo de caracterizar e evidenciar, a partir de um escala local, os processos desiguais e combinados da atuação do desenvolvimento capitalista, notadamente do Estado ” (p. 7)

O autor recompõe a evolução urbana da cidade, desde a sua criação até os fins da década de oitenta destacando

“como os agentes promotores modeladores deste crescimento têm, no Estado, o grande viabilizador de suas atuações” (op. cit. p. 88)

“Esse Estado tem hoje, particularmente em Sergipe, o seu aparelho “controlado” por segmentos emergentes de alguns setores de classe média (empresários em ascensão, políticos de carreira, entre outros profissionais). Até um passado ainda recente esteve, entretanto, sob a tutela de três ou quatro famílias, representantes da oligarquia econômica local, que revezavam-se sucessivamente no poder. Unindo os dois grupos nota-se a permanência de um modelo de desenvolvimento capitalista, cujos impactos em relação aos seus desempenhos, são assustadores e comprometedores, tanto a nível social quanto pela ótica ambiental”. (op. cit. p. 88-89)

Pelo período estudado já se observam referências à formação do espaço regional metropolitano de Aracaju e ao desenvolvimento de políticas públicas ligadas à inserção da cidade no complexo turístico brasileiro e nordestino.

MACHADO dedica um capítulo ao controvertido Projeto Coroa do Meio, fazendo uma análise crítica bem detalhada da ação do Estado no desenrolar da implantação do mesmo, destacando os conflitos e os desencontros de um projeto até hoje inacabado.

A Coroa do Meio continua sendo um problema tanto para a administração, quanto para os moradores e proprietários de terrenos. O governo estadual, por sua vez, continua investindo na construção de um molhe, que não se sabe se resultará em solução do problema, diante das condições de instabilidade da área.

Recentemente a AGESE (Associação dos Geólogos do Estado de Sergipe) publica nota em Semanário local definindo posição referente à Coroa do Meio, onde expressa dúvida quanto ao futuro da área, frente à inexistência ou divulgação de estudos sobre a dinâmica estuarina daquela área.

MACHADO conclui que

“a complexa configuração de usos que caracteriza o espaço aracajuano na atualidade, e os conseqüentes riscos dela decorrentes, devem-se especialmente à fragilidade do sistema institucional, notadamente de suas leis orgânica e/ou derivadas. Estas são, além do mais, freqüentemente manipuladas e descaracterizadas para viabilizar os mais diversos interesses, que podem comprometer, até mesmo, a qualidade de vida para a maioria dos cidadãos”. (op. cit. p. 229)

A fragilidade do poder municipal frente ao poder estadual, representado por grupos econômicos ligados à produção do espaço metropolitano, tem sido muito forte, diante dos interesses e pressões a que tem sido submetido. O governo estadual tem conseguido intervir não só no espaço metropolitano, mas em todo o Estado. O poder tem sido exercido de forma centralizada, desrespeitando as prerrogativas do poder municipal. Um exemplo disso foi a construção dos conjuntos habitacionais pela COHAB, que nunca discutiu com o poder municipal a sua localização, nem respeitou as normas do Código de Obras e Urbanismo e nem se quer solicitou licença para a construção dos mesmos. Foi uma imposição diante do discurso de “obra de interesse social” e da fragilidade legal imposta pela Constituição Federal, que dava amplos poderes ao Estado.

No início da década de noventa, BELEM MACHADO (1990) faz um estudo de Aracaju no período entre 1970\ 1990 em que tenta resgatar os elementos que têm contribuído para a formação do espaço metropolitano de Aracaju.

Segundo o autor a atividade industrial e a ação do Estado são grandes responsáveis pelo processo de metropolização emergente, com sérios prejuízos para o meio ambiente. Assim se pronuncia:

“Percebemos como existe uma relação muito estreita entre a metropolização emergente e a instalação do Polo Cloroquímico de Sergipe”. (1990. p. 113)

O estudo em questão traz excelente mapeamento do uso da terra em três períodos compreendidos entre 1970 e 1990, o que permite avaliar os níveis de mudanças pelos quais passam os municípios que estão sendo alvo da metropolização.

Embora o Estado tenha planejado uma ação conjunta entre industrialização e urbanização, o mesmo não conseguiu implementar nenhuma indústria no Pólo Cloroquímico, mas continuou a construir as habitações, gerando assim forte pressão sobre o emprego, os serviços, enfim, sobre o núcleo central, com fortes prejuízos para a qualidade de vida.

Convém destacar ainda que muitos outros estudos, tratando de temas setoriais, foram feitos sobre Aracaju, destacando-se como grande contribuinte para a realização dos mesmos o Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe, através dos seus professores e das monografias do Curso de Bacharelado, além de outros departamentos e estudiosos. Ainda é interessante observar que uma gama de estudos tem sido desenvolvido pela professora ADELCE FIGUEIREDO SANTOS, algumas vezes, em conjunto com os seus alunos do Mestrado em Geografia, tratando questões referentes à pobreza urbana, enfocando o favelamento e desfavelamento que vem ocorrendo em Aracaju, sobretudo após os anos setenta.

Segundo SANTOS (1998), em Aracaju, embora tenham sido desenvolvidas ações voltadas para o desfavelamento ainda existem 33 espalhadas na malha urbana e enfatiza :

“As nossas favelas são ocupadas não apenas pela população sergipana mas também por grupos oriundos de Alagoas, Ceará, Brasília e Pernambuco que fogem aos dissabores da seca, da ausência de trabalho e a falta de emprego”. (op.cit . p152)

Atualmente a cidade avança sobre os municípios vizinhos resultando em processos simultâneos de periferização e de segregação, com o empurrão da pobreza para os municípios limítrofes, para ocupar os grandes conjuntos habitacionais e os loteamentos espalhados pelos municípios de Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão.(Fig 2) Por outro lado, dá-se a elitização do núcleo central, com fortes evidências de modernidade, como a verticalização ou o surgimento de funções mais sofisticadas, a exemplo dos shoppings centers.

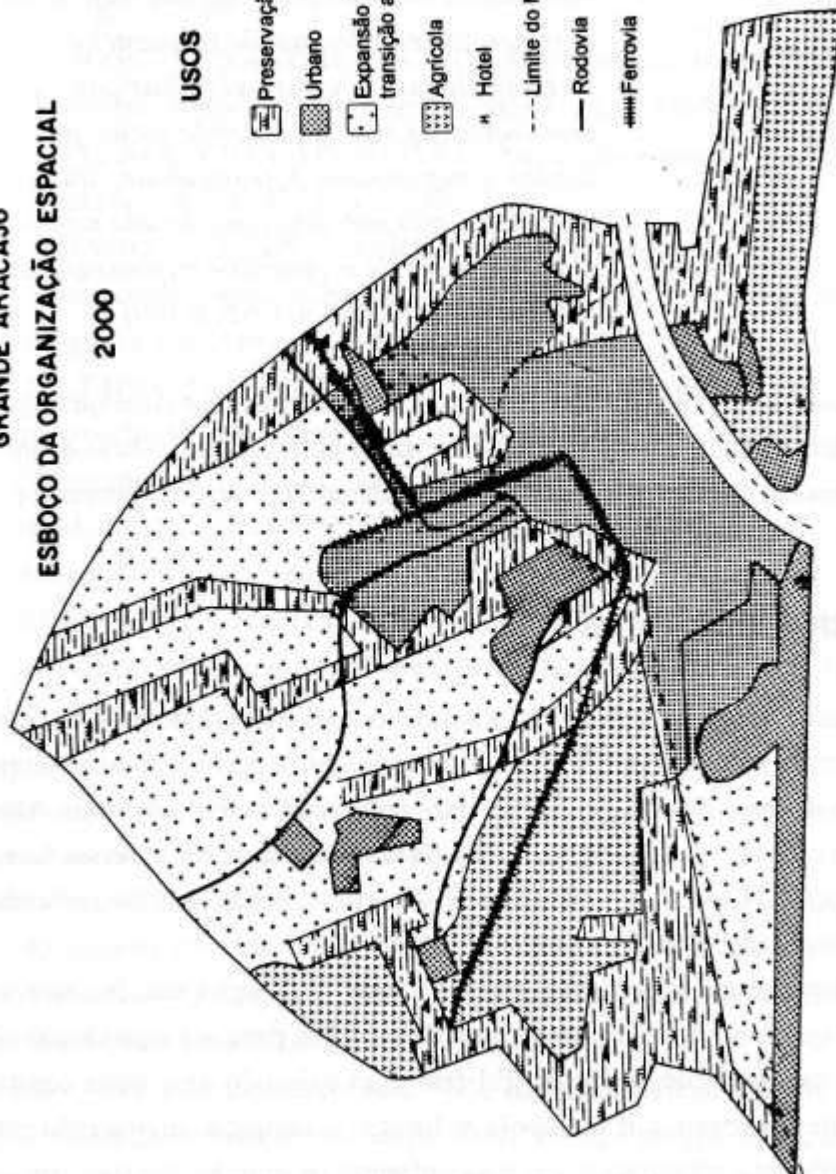
Fig. 2

GRANDE ARACAJU ESBOÇO DA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

2000

USOS

-  Preservação ambiental
-  Urbano
-  Expansão Urbana com transição agrícola
-  Agrícola
-  Hotel
-  --- Limite do Município de Aracaju
-  — Rodovia
-  Ferrovía



ORIG.: Vera L. A. Franço
 FONTE: Trabalho de Campo e
 FRANÇA, V. L. A. Aracaju, Estado e Metropolização, 1999.
 DESENHO: Silvana Coufa

Nos últimos vinte anos as políticas públicas adotadas conduziram a formação de um espaço metropolitano que

“vai se processando a partir de intensa degradação ambiental, desde o desmonte de dunas e da Formação Barreiras, aterro de mangues, a devastação de matas ciliares o assoreamento e a contaminação dos mananciais, além da poluição dos rios. As atividades de mineração clandestina são frequentes em toda a área metropolitana e circunvizinhanças e vem se desenvolvendo sem um controle maior por parte dos órgãos competentes. A fragilidade das condições ambientais não tem sido considerada no momento de planejar ações de ocupação e manutenção do espaço construído”. (FRANÇA, 1998, p.140)

De fato, diante do momento atual do capitalismo a tendência é Aracaju ampliar seu espaço metropolitano, consolidando sua posição num contexto sócio-econômico e espacial nacional e global, cada vez mais dependente das relações intermetropolitanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos aqui relacionados foram elaborados em períodos e com metodologia diferentes, mas, mesmo assim, eles se complementam e permitem uma compreensão muito clara dos processos que interferiram no crescimento de Aracaju. Além disso contribuem para um conhecimento amplo da vida da cidade nas diversas fases do seu crescimento.. NOTAS estão listados os trabalhos sobre temas setoriais que enriquecem o conhecimento da cidade.

Os estudos mais recentes destacam a metropolização, que, inexoravelmente, insere Aracaju no novo momento do capitalismo, que, para sua reprodução necessita de grandes aglomerações urbanas. Tal fato vem exigindo uma nova compreensão desse complexo urbano, que extrapola os limites municipais implicando em novas posturas políticas e administrativas para enfrentar os grandes desafios que a cidade grande impõe aos seus moradores.

NOTAS

1. Os estudos citados e analisados por DINIZ, em seu trabalho "O SUBSISTEMA URBANO REGIONAL DE ARACAJU (1987) foram os seguintes:

- a) CORREA, ROBERTO LOBATO. "Contribuição ao Estudo da Área de Influência de Aracaju". In: Revista Brasileira de Geografia, ano 27, n. 2, 1965, p. 233/258
- b) DINIZ, JOSE ALEXANDRE FELIZOLA. "A Zona de Influência de Aracaju". In: Revista Brasileira de Geografia, ano 31, n. 3, 1969, p. 103/150
- c) DUARTE, ALUIZIO CAPDEVILLE. "Aracaju e sua Região". In Boletim Geográfico, n.220, 1971, p. 3/130
- d) MACHADO, LILIAN CORREA. "Organização Urbana em Espaços Subdesenvolvidos - a Região de Aracaju". In: Cadernos Sergipanos de Geografia, n.8, Aracaju, 1980.
- e) TELES, EDVALDO SANTOS ROCHA, "A Primazia de Aracaju". Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Geografia Aplicada ao Planejamento. Aracaju, UFS, 1978.
- f) SUDENE/CONDESE/UFS. "Organização Espacial do Estado de Sergipe". Aracaju. 1976, mimeografado.
- g) RIBEIRO, NEUZA MARIA GOES. "A Área de Influência de Lagarto Segundo as Funções Comercial, Bancária e Médico-hospitalar". In: Cadernos Sergipanos de Geografia, n. 7, 1979.

2. Dentre os estudos setoriais destacar-se-ão aqui apenas aqueles que têm ligação direta com a área e o tema em questão:

- CAMPOS, Antônio Carlos. " Espaço Intra-Urbano: Autonomia, Dependência e Espaço de Divergência. DGE/UFS, Aracaju, 1993, inédito.
- COSTA, Marleno. " O Papel do Estado na Expansão Urbana de Aracaju: O Caso do Terra Dura. DGE/UFS, Aracaju, 1993, inédito.
- DANTAS, Maria Luciene Santana. " São Brás, Caracterização de um povoado localizado na Grande Aracaju" DGE/UFS, Aracaju, 1991, inédito
- FRANÇA, Vera Lúcia Alves. "Evolução e Uso do Solo do Bairro Siqueira Campos", Monografia do Curso de Especialização em Planejamento do Uso do Solo , UFS, Aracaju, 1983.

- _____. "Aracaju, Rumor a uma feição metropolitana". In: DINIZ, José A. F. e FRANÇA, Vera L. A. Capítulos de Geografia Nordestina, Aracaju: NPGeo/UFS, 1998 p.117-141
- FONSECA, Ana Maria Medina. A Ponte do Imperador. Energipe Aracaju, 1999
- MACHADO, Anselmo Belém. "Atalaia Nova, A Produção de um Espaço Periférico". Iniciação à Pesquisa, 13, UFS, Aracaju, 1986.
- MACHADO, Ewerton Vieira. "Barão de Maruim, Uma Via em Expansão". Iniciação à Pesquisa. 2. UFS. Aracaju, 1981
- OLIVEIRA, Vanda Campos de. "Povoado Cabrita: um Estudo Preliminar". Iniciação à Pesquisa, 5, UFS, Aracaju 1982.
- RIBEIRO, Neuza M. Goes. "Condições de vida da população do bairro Santos Dumont." In: DINIZ, José A. F. e FRANÇA, Vera L. A. Capítulos de Geografia Nordestina, Aracaju: NPGeo/UFS, 1998 p.167-190.
- SAMPAIO, Danilo Dias. "O Homem do Campo no Processo de Favelamento nas Periferias de Aracaju". Iniciação à Pesquisa, 11, UFS, Aracaju, 1986.
- SANTANA, Ivanilde Sousa. "A Expansão do Comércio de autopeças em Aracaju- O Caso da Av. Chanceler Osvaldo Aranha.. DGE/UFS, Aracaju, 1991, inédito.
- SANTANA, Marta Angélica Teixeira. "Caracterização Geoconômica do Município de Barra dos Coqueiros". Iniciação à Pesquisa. 6, UFS, Aracaju, 1986.
- SANTOS, Acassia Freire dos e SANTOS, Vanda Soares. "Função Urbana da Cidade de São Cristóvão". Iniciação à Pesquisa, 3 UFS, Aracaju, 1981.
- SANTOS, Adelci Figueiredo, SANTOS, Cristiane * de J., CHAGAS, Mary C. S. das e MENEZES, Sonia de Souza M. "A Favela da Matinha: Evolução Histórica e Aspectos- Sócio-Econômicos" In. Geonordeste, ano X n.1, Aracaju: 1999
- SANTOS, Adelci F. ANDRADE, José A. e SANTOS, Maria Annete F. "São Conrado, Um bairro periférico da zona sul de Aracaju, in Cadernos de Geografia, NPGeo/UFS, Aracaju, 1987
- SANTOS. Adelci Figueiredo, ANDRADE, José Augusto e MELO,

- Oswaldina. "A favela do Japãozinho: Estrutura e Condições de Vida. Um Estudo Geográfico." in: Geonordeste, n.VI e VII , Aracaju, 1989.
- SANTOS, Corália Maria. " O Comércio Ambulante no Centro de Aracaju- Uma Contribuição." DGE/UFS. Aracaju, 1989, inédito
- SANTOS, Ilma Arcanjo dos. " O Meio Natural e a Atividade Pesqueira no Município de Barra dos Coqueiros". Iniciação à Pesquisa, 9, UFS, Aracaju, 1986.
- SANTOS, José Domingos. " A Invasão do Matadouro. Estudo de Caso de uma favela da Zona Norte de Aracaju" .DGE/ UFS, Aracaju, 1988, inédito.
- SANTOS, Luís Mario . " Organização de um Espaço Periférico na Grande Aracaju: a Ocupação Marginal do Conjunto João Alves Filho. DGE/ UFS, Aracaju, 1995, inédito.
- SILVA, Antônio Barbosa. "Transportes Urbanos: Problemas do Transporte Coletivo em Aracaju" .DGE/UFS, Aracaju, 1992, inédito.
- SILVA, Luís Carlos Souza. " Sistema de Esgotamento Sanitário da Cidade de Aracaju- Consequência no uso do solo urbano e na qualidade de vida". DGE/UFS, Aracaju, 1992, inédito
- SOBRAL, Maria Lúcia Moraes e CARVALHO, Maria Nazaré. " Morfologia e Ocupação do Solo do Povoado Taiçoca". Iniciação à Pesquisa, 4 UFS, Aracaju, 1981.
- SOUZA, Celi Maria Santos. " O processo de ocupação dos conjuntos habitacionais da COHAB -SE". Iniciação à Pesquisa , 15, UFS, Aracaju, 1986.
- SOUZA, Wanderley Teixeira. "Distrito Industrial de Aracaju- DIA , Uma Área em Expansão. DGE/UFS, Aracaju, 1991, inédito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DINIZ José Alexandre Felizola e FRANÇA, Vera Lúcia Alves.** "Notas Sobre a Posição Econômica de Sergipe nos Contextos regional e Nacional". In: *Cadernos de Geografia*, n.16, Aracaju: UFS/NPGEO, 1991. pp.1-13.
- DINIZ, José Alexandre F.** "Aracaju, Síntese da sua Geografia Urbana". Aracaju: Regina, 1963.
- _____. "O Subsistema Urbano-Regional de Aracaju". Recife: 1987
- FORTES, José Bonifácio.** "Evolução da Paisagem Humana da Cidade do Aracaju". Aracaju: FCFS, 1955
- FRANÇA, Vera Lúcia Alves.** "A Cultura do Coco-da-Baía e as Transformações no Litoral Sergipano". Aracaju: 1988. (Dissertação de Mestrado Apresentada ao NPGEO/UFS).
- _____. "Aracaju, Estado e Metropolização", Rio Claro, SP. UNESP, 1997
- LOUREIRO, Kátia A. S.** "A Trajetória Urbana de Aracaju, Em tempo de Interferir". Aracaju: INEP, 1983.
- MACHADO, Anselmo Belém.** "Grande Aracaju Processo de Uma Metrópolização Emergente". Aracaju: 1990. (Dissertação de Mestrado).
- MACHADO, Ewerton Vieira.** "Aracaju: Paisagens e Fetiches: Abordagens Acerca do Processo de seu Crescimento Urbano Recente". Florianópolis: UFSC, 1989. (Dissertação de Mestrado).
- MACHADO, Lilian Correa.** "Organização Urbana em Espaços Subdesenvolvidos: A Região de Aracaju". Aracaju: Mimeo, 1980. (Monografia de Especialização).
- MENEZES, Ana Virginia Costa.** "Organização do Espaço Periférico de Aracaju", Aracaju: UFS, 1983 (Monografia de Especialização)
- PORTO, FERNANDO.** "A Cidade do Aracaju 1855-1865". Aracaju: Livraria Regina, 1945
- RAFFESTIN, Claude.** "Por Uma Geografia do Poder". São Paulo: Ática, 1993.
- RIBEIRO, Neuza M.G.** "Transformações Recentes no Espaço Urbano: O

Caso de Aracaju” . Recife: Massangana, 1989.
SANTOS, Adelci Figueiredo. “Invasões, favelas e desfavelamentos”. In: DINIZ,
José Alexandre F. e FRANÇA, Vera L. A Capítulos de Geografia Nordestina,
Aracaju: NPGeo/UFS, 1998, p.143- 166

ABSTRACT

The purpose of this article is to present a revision on the main studies about Aracaju. It is an attempt to identify them in order to develop later research. Furthermore, it shows the evolution of this city from its foundation, identifying the processes it has been submitted to, until our days, when one can already notice the formation of a metropolitan space which involves the areas of neighbouring towns and demands a new administration's posture.